

O DENTISTA EDUCADOR E SUA COMPETÊNCIA PARA AVALIAR*

*Cristina Guimarães Marcolini***

Foi-lhes dado um novo lugar na sociedade, mas nem por isso podem desempenhar um novo papel. Porém o que podem precisamente é negar-se a permanecer nele. E para evitar as armadilhas que lhe serão preparadas, nada melhor do que começar a examinar esse novo lugar que lhes foi atribuído .

Claude Lefort

Durante o exercício de atividades profissionais, como docente do Curso de Odontologia da Universidade Federal de Uberlândia, percebo que os problemas relacionados à avaliação do desempenho do aluno, constituem alguns entraves no processo de ensino e aprendizagem, fato este observável não somente nesse curso. Diversas instituições de ensino superior, médio e básico, têm detectado deficiências nos sistemas de avaliação; trabalhos e reuniões exaustivas têm sido uma constante, na tentativa de propor soluções.

Particularmente os educadores da área de saúde, são mais susceptíveis a situações conflitantes no exercício da arte de ensinar e avaliar, visto que estes por todo seu período de profissionalização, não tiveram qualquer formação na área educacional. Além de médicos e dentistas, também os veterinários, os engenheiros, os advogados, etc... após formados em áreas específicas, se viram entrando na carreira universitária por contingências diversas e às vezes até casualmente, onde passam então a exercer um novo papel na sociedade, sem ter tido orientação específica para tal.

Então docentes, passam a ensinar, aplicar programas, avaliar e julgar, espelhados, a maioria, nos modelos educacionais sob os quais foram formados (há cinco, dez, vinte ou mais, anos atrás) modelos estes, muitas vezes já obsoletos e inaceitáveis nos tempos atuais.

O trabalho dessas pessoas poderia ser mais eficiente, se dispusessem

* Este trabalho foi orientado pelo Prof. Dr. Fernando Antônio Leite de Oliveira, do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

** Professora Assistente 4, do Departamento de Odontologia Clínica e Restauradora, da Universidade Federal de Uberlândia.

de meios que os permitissem uma avaliação mais precisa do processo ensino-aprendizagem.

O objetivo desse trabalho visa apontar algumas dificuldades e alguns dados que possam vir a contribuir à condução de um projeto de mudança.

“Se o processo educacional tem como objetivo modificar o comportamento do aluno de maneira preestabelecida a avaliação é o processo que permite verificar como essas mudanças ocorrem” (D’Antola, 1981).

Avaliação é a interpretação de uma medida e implica na atribuição de um juízo de valor com relação a uma norma já estabelecida. “Tanto as mensurações quantitativas como as descrições qualitativas quando submetidas a uma interpretação e transformadas em um juízo de valor constituem da avaliação (Lafoucade, 1969).

A avaliação, isto é, o julgamento do mérito ou valor, é um aspecto comum a todas as escolas. As pessoas que participam do trabalho escolar são constantemente solicitadas a fazer julgamentos a respeito de indivíduos, programas e diretrizes. Os professores avaliam a aprendizagem dos alunos, os departamentos avaliam a competência dos professores (sic), os centros avaliam a competência administrativa, etc...

A principal condição para realizar qualquer avaliação é o conhecimento da natureza do objeto que se quer avaliar. São também fundamentais a construção de instrumentos adequados e o estabelecimento de critérios para a valoração dos resultados obtidos. Esse instrumento tem mais valor se for utilizado de forma sistemática através de acompanhamento contínuo das atividades do aluno, em situações reais e não só nas situações esporádicas como nas provas.

“O processo de avaliação torna-se ainda mais complexo com a necessidade de avaliar o aluno com predomínio dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos” (D’Antola, 1981).

A avaliação quantitativa, não constitui dificuldade pois se estabelecem padrões baseados em dados numéricos, porém, os aspectos qualitativos dependem de dados descritivos, que estão sujeitos à subjetividade por ausência de padrões ou normas.

O objetivo da avaliação, deveria ser também o de verificar o

rendimento da atividade executada para que numa próxima ocasião seja repetido o que foi bem sucedido e reformulado o que não foi (D'Antola, 1981).

Para que fosse abrangente e objetivo, o processo de avaliação deveria integrar três aspectos, os quais foram bem descritos por Bloom e também por Scriven; a avaliação deveria ser somativa, diagnóstica e formativa.

Por avaliação somativa entende-se aquela que avalia o grau de alcance dos amplos objetivos que foram almejados, se prestando à previsão de sucesso em cursos subsequentes. Aprecia o valor de uma seqüência de ensino completa em comparação com seqüências competidoras.

A avaliação diagnóstica se presta a localizar adequadamente o aluno no início da aprendizagem e a descobrir as causas subjacentes às deficiências de aprendizagem.

Por avaliação formativa entende-se aquela que provê feed-back e correções em cada etapa do processo educacional. Ela busca basicamente identificar debilidades de aprendizagem antes da conclusão da instrução durante um segmento de curso que bem pode ser uma unidade, um capítulo ou uma lição. O propósito é obter um domínio do aprendizado fornecendo informações que possam dirigir a situação de ensino-aprendizagem subsequente, seja esta uma continuação ou uma correção diferenciada. Desse modo, a avaliação formativa constitui real e efetivamente em uma parte integral do processo de ensino-aprendizagem (Airasian, 1971).

Para aplicar uma avaliação formativa adequada, os avaliadores devem ser profundos conhecedores das práticas reais da aula, já que os procedimentos de avaliação formativa vão prover informação relevante e específica, a qual deve ser derivada das atividades de instrução que precedem a avaliação.

Se a avaliação formativa tenta identificar debilidades na aprendizagem antes de qualificar os estudantes, então será necessário coletar evidência sobre a capacidade demonstrada pelo aluno no domínio de cada objetivo pré-requisito.

A avaliação formativa é parte do processo de instrução, portanto não

deve levar qualificações, já que os alunos não devem ser penalizados pelos erros que cometer.

Embora uma boa parte de educadores “Dentistas” não tenha ainda amadurecido o processo de avaliação, algumas questões são constantes como, por exemplo, o baixo índice de reprovações, apontando uma espécie de cumplicidade entre professor e aluno.

Não raramente se observa que alguns cursos, através de seus sistemas de avaliação, dificilmente “conseguem” reprovar um aluno que durante todo o curso tenha apresentado desempenho insuficiente ou sofrível. Este aluno consegue concluir o curso em situação quase comparável a de um aluno exemplar. Os dois são oferecidos ao mercado de trabalho em “iguais” condições.

“A tolerância irresponsável do professor quando avalia o estudante é um dos mais importantes co-fatores dessa situação. Muitas vezes, a pouca exigência do docente em relação aos estudantes explica-se pela autocritica do desempenho do professor ao longo do curso...” (Bevilacqua, 1976).

DIFICULDADES DA AVALIAÇÃO EDUCACIONAL

Apesar do desenvolvimento humano obedecer a padrões previsíveis, pode-se dizer que cada indivíduo tem respostas peculiares a estímulos iguais, o que nem sempre torna válida a comparação entre a atuação de dois ou mais indivíduos.

Os fenômenos que se pretende desenvolver em educação, não são passíveis de observação direta, podendo somente ser observados através do comportamento nem todos os fenômenos observáveis que ocorrem na escola são passíveis de repetição.

A coleta de dados para mensuração do fenômeno pode ser realizada através de duas formas: através de situações artificiais (provas) ou através de situações naturais (comportamento) (D'Antola, 1981).

A avaliação na escola tradicional, continua basicamente sendo através de provas, as quais são situações formais esporádicas que refletem apenas momentos do processo de aprendizagem, podendo traduzir resultados artificiais.

Um fator de importância relevante é o valor emocional da avaliação escolar. "Há evidência considerável que o sucesso repetido na escola por um número de anos aumenta a probabilidade do estudante ganhar uma visão positiva dele próprio e aumento da auto estima. Semelhantemente, há evidência de que fracasso repetido ou baixo desempenho na escola aumenta a probabilidade do estudante desenvolver uma visão negativa dele próprio e uma queda de sua auto estima (Bloom, 1972).

Não raro se assiste a um professor em exercício de avaliação de um determinado aluno, o qual já vinha obtendo notas ruins nas avaliações anteriores, tender a continuar subestimando tal aluno e atribuindo subjetivamente a seus trabalhos, notas baixas, desconsiderando a possibilidade do estudante recuperar e melhorar seu desempenho.

Avaliar a capacidade de alguém é um pouco arriscado, visto que podemos julgá-lo a partir de características subjetivas. Dalberio (1987) propõe criar espaços para que o estudante se torne sujeito do aprendizado e conseqüentemente seja capaz de auto avaliar-se. Mais precisamente: juntos, professor e aluno travando um diálogo, elaborar a partir das falhas e dos progressos, novas diretrizes.

Presenciamos colegas fazendo profecias auto realizadoras, quando ainda em início de semestre dizem: "Esse aluno não vai conseguir ser aprovado nesse semestre. Ele não tem competência, nem habilidade". Ora, tal professor deveria se empenhar mais em sua função de facilitador da aprendizagem, oferecendo condições àquele aluno menos preparado, ao invés de profetizar uma situação que ele próprio permitirá (ou favorecerá) a ocorrência.

Na instituição federal de ensino, sem fim lucrativo, é observável um certo descaso quanto à avaliação do produto final - aluno/profissional - colocado no mercado de trabalho. O desempenho profissional do egresso dessas instituições, sendo bom ou ruim, não interessa ao órgão investidor, pois não há retorno do capital investido. Pode se dizer que é investimento a fundo perdido, o que não ocorre com empresas privadas.

Tomemos como ilustração, uma empresa, que trabalha em função da eficácia, eficiência e produtividade, desde a seleção da matéria prima que adquire, acompanhando cada etapa do processo de fabricação, até a distribuição do produto no mercado, tendo como principal meta, o lucro, além do controle de qualidade, liquidez e estabilidade no mercado de consumo.

Nossas instituições educacionais, ao contrário, se preocupam unicamente com seu lado formal, zelando pelo ritual que as reveste: fixam o mínimo indispensável de trabalhos e proas, a época, e os prazos para a entrega de notas à administração e estabelecem o total de pontos necessários à aprovação (este número curiosamente inflexível, embora cada docente situe sua escala de notas a nível que lhe apraz fazendo com que uma nota cinco em certa matéria, por exemplo, corresponda a oito ou a nove em outra)"(Medeiros, 1982).

E qual o significado educacional da nota mínima de aprovação? 60? 70? Por que? a mudança desse valor pode provocar alterações proporcionais no grau de exigência do professor de modo que não houvesse qualquer mudança em termos educacionais (Oliveira, 1987).

Em função de tais dificuldades como julgar conteúdo, habilidades, competência, destreza, etc...?

Com o objetivo de verificar a percepção dos alunos quanto ao sistema de avaliação vigente aplicado por duas disciplinas pré-clínicas, realizou-se uma sondagem entre os alunos do 4º e 5º períodos do Curso de Odontologia da Universidade Federal de Uberlândia.

ALGUNS ASPECTOS DO SISTEMA DE AVALIAÇÃO DE DUAS DISCIPLINAS PRÉ-CLÍNICAS DO CURSO DE ODONTOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

O currículo mínimo do Curso de graduação em Odontologia compreende:

- a) **Matérias Básicas:** Ciências Morfológicas, Ciências Fisiológicas, Ciências Patológicas, Ciências Sociais.
- b) **Matérias Profissionalizantes:** Propedêutica clínica, Clínica Odontológica, Clínica Odontopediátrica, Odontologia Social, Clínica Integrada.

Na Clínica Odontológica (*) são oferecidas as disciplinas de Materiais dentários, dentística, Endodontia, Periodontia, Cirurgia Traumatologia e Prótese.

O aluno atravessa um período chamado de pré-clínico que visa prepará-lo em seu domínio psicomotor e teórico científico, através de simulações, que o habilitam a desempenhar um bom atendimento clínico aos pacientes. Nesta fase os estudantes são avaliados, suas habilidades mensuradas, de tal forma que sejam aprovados, ou não, ao segmento clínico do curso.

Da clínica Odontológica foram escolhidas duas disciplinas: A e B. Determinada disciplina, que vamos aqui chamar de "A" utiliza de avaliações dos tipos: a) avaliação teórica (provas contendo questões escritas e tipo teste; b) seminários (onde se entende que temas são distribuídos aos alunos e estes fazem uma apresentação em sala sobre os mesmos; c) avaliações práticas (na qual o aluno é avaliado executando uma tarefa psicomotora).

O total de créditos distribuídos nessas avaliações é de 39 sendo 13 destinados às atividades práticas e 26 às teóricas.¹

Com respeito a esse critério, trinta e três alunos foram questionados quanto aos valores, e obteve-se que 29 consideraram justos e somente quatro alunos acham injustos, isto é, pensam que deveriam ser usados valores práticos. (Quadro 1)

DISCIPLINA A - TOTAL = 33 alunos

Quadro 1

QUANTO À DISTRIBUIÇÃO DE CRÉDITOS	
Justa 29	Injusta 4

Porém quando se questionou se os valores que eles haviam obtido até o momento representavam seu real desempenho, 17 responderam que sim, e 16 sugeriram que as notas que haviam conseguido não eram compatíveis com a realidade do seu desempenho. (Quadro 2).

1. Sistema de avaliação vigente no 1º semestre de 1992, ocasião da pesquisa.

Quadro 2

CONCORDÂNCIA QUANTO À PONTUAÇÃO POR ELES OBTIDA E O REAL DESEMPENHO	
Sim 17	Não 16

Também foi questionado o tipo de prova a que são submetidos; quanto as questões tipo teste, 20 alunos as julgaram válidas e objetivas, contra 10 que as consideraram mal elaboradas e 6 que pensam não medir conhecimento. Já quanto às questões escritas da disciplina "A", 25 foram julgadas objetivas e válidas, e somente 3 pensam não medir conhecimento e outros 3 a consideraram mal elaboradas (Quadro 3).

Quadro 3

QUANTO AO TIPO DE PROVA					
Questões Tipo Teste			Questões Escritas		
Válidas	Mal elaboradas	Não medem conhecimento	Válidas	Mal elaboradas	Não medem conhecimento
20	10	6	25	3	3

Quanto aos critérios utilizado para valorizar os trabalhos práticos 16 alunos acham que são subjetivos e 5 injustos, contra 12 que os consideraram justos e objetivos.

Ainda os mesmos 33 alunos foram solicitados a marcar em números que variavam de 1 a 5, o número que mais correspondesse à sua capacidade e segurança quanto aos objetivos da disciplina "A". A média ponderada das respostas foi 2.57 que se situa pouco abaixo da média que é 3.

Considerando que as avaliações teórica e os seminários induzem-os a estudar para a obtenção de notas, 25 alunos sugeriram no questionário, que os seminários têm maior valor quanto à aprendizagem, que as provas.

Foi-lhes pedido que numa escala de 1 a 5, marcassem o valor que registrasse sua satisfação global com o sistema de avaliação da disciplina "A". 14 alunos registraram o número 3 que representava o número médio, enquanto que 14 qualificaram abaixo da média contra 5 acima da média, a satisfação com o sistema de avaliação.

Uma outra disciplina a qual chamaremos "B" credita eqüitativamente valores, atribuindo 50 créditos às avaliações teóricas e 50 créditos às práticas.*

As avaliações teóricas constam de provas contendo questões tipo teste e questões escritas, e por avaliações práticas entende-se valores atribuídos às tarefas executadas pelos estudantes em laboratório.

Vinte e oito alunos foram submetidos a questionários quanto à sua percepção do sistema de avaliação da disciplina "B". Desses, 25 acham justa a distribuição dos créditos contra 3 que acham injusta. Alguns não acham válido que o aluno seja avaliado na primeira vez que executa um procedimento prático, sem que lhes permita praticar mais vezes. (Quadro 4)

Quadro 4

DISCIPLINA B - TOTAL DE ALUNOS = 28	
Quanto à Distribuição de Créditos	
Justa	Injusta
25	3

Catorze alunos não concordam com as notas por eles obtidas até o momento, alegando não serem compatíveis com seu real desempenho, porém os outros 14 concordam (Quadro 5).

Quadro 5

CONCORDÂNCIA QUANTO A PONTUAÇÃO OBTIDA E O DESEMPENHO REAL	
Sim	Não
14	14

Quanto às avaliações teóricas, as questões tipo teste são consideradas pela maioria, 15, como sendo válidas e objetivas, e 13 julgaram mal elaboradas e não medir conhecimento. Enquanto que sobre as escritas, 27 responderam serem válidas e objetivas (Quadro 6).

Quadro 6

QUANTO AO TIPO DE PROVA			
Questões tipo teste		Questões escritas	
Válidas	Mal elaboradas e Não medem conhecimento	Válidas e Objetivas	Não medem conhecimento
15	13	27	1

Quanto, também, aos critérios utilizados nas avaliações práticas, 18 consideram subjetivos e 10 acham justos e objetivos (Quadro 7).

Quadro 7

QUANTO AOS CRITÉRIOS USADOS NAS AVALIAÇÕES PRÁTICAS	
Justos	Injustos e subjetivos
10	18

A auto avaliação quanto à aptidão e segurança dos 28 alunos, registrada numa escala de 1 a 5, obteve média ponderada de 2.7, próxima da média, porém discretamente abaixo.

Quando solicitados a opinarem quanto ao grau de satisfação global com o sistema de avaliação da disciplina "B", 12 alunos registraram grau médio (3), 7 registraram acima da média e 9 abaixo (Quadro 8).

Quadro 8

GRAU DE SATISFAÇÃO GLOBAL COM A DISCIPLINA		
Alto	Médio	Baixo
7	12	9

Embora não haja discrepâncias muito distintas entre os resultados obtidos nas disciplinas avaliadas, o levantamento sugere que mudanças devam ser empreendidas.

O sistema de avaliação vigente na Universidade Federal de Uberlândia é de caráter aditivo, isto é, soma as notas obtidas em provas, seminários, avaliações teóricas, relatórios sobre trabalhos práticos. Tal processo foi criticado por Oliveira (1987) onde é questionada a validade de se somar processos diferentes e chegar a uma somatória comum. Segundo ele, "o sistema aditivo não tem precisão e é de validade duvidosa, pois é construído a partir de critérios aleatórios" e tem como única função, criar tensão pois, para ser aprovado, é preciso estudar e conseguir boas notas.

O que se verifica, com freqüência, é que as avaliações aplicadas, independentemente do índice de erros dos alunos não é revista com eles em sala de aula, onde poderiam ser esclarecidos certos assuntos, sanando assim, algumas falhas do ensino.

Uma característica favorável do processo de avaliação das disciplinas citadas, é seu caráter de avaliação contínua das tarefas práticas. Durante todo o semestre o aluno é observado, e seu trabalho semanal (às vezes quinzenal) é avaliado; com isso ele toma consciência de sua posição em relação aos colegas e à aprovação.

A educação, como um dos mecanismos de estabilização sistêmica, tem procurado preservar valores socialmente aceitos e contrapor-se a mudanças bruscas. Apesar disto, o nosso meio ambiente e a concepção que dele fazemos têm de certa forma ser modificado; a estratégia educacional precisa mudar e preparar as pessoas para se adaptarem a um meio cambiante, ao invés de se oporem às mudanças (Postman, 1974). A educação deve passar a desenvolver um novo tipo de pessoa com uma personalidade indagadora, inovadora, capaz de enfrentar o desafio, e de formular novos significados.

Vamos ousar!

BIBLIOGRAFIA

AIRASIAN, P.W., "The role of evaluation in mastery learning" em Block, James (org) *Mastery Learning*. USA. Holt Rinehart Winston, 1971, p. 78-79.

- BEVILACQUA, F. "Panorama do ensino médico no Brasil". *Med. de Hoje*, 2(17) 333-443, jul. 1976.
- BLOOM, B. "Innocence in education". In: Cage, N.L. (org.) *Handbook of research on teaching*. Rand McNally, 1963, cap. VIII.
- DALBERIO, O. "Avaliação: uma questão filosófica". *Educação e Filosofia*, Uberlândia, 1(2):81-83, jan/jun.1987.
- D'ANTOLA, A. *A observação na avaliação escolar*. São Paulo, 2ª ed., Loyola, 1981.
- MEDEIROS, E.B. "Nossas práticas de avaliação: um anacronismo na escola". *R. Brasl. Educ. Méd.* Rio de Janeiro, 6(2):89:100, maio/ago. 1982.
- OLIVEIRA, F.A.L. "Algumas reflexões sobre o sistema de avaliação". *Educação e Filosofia*. Uberlândia, 1(2):77-79, jan/jun. 1987.
- POSTMAN, N & Weingartner, E. *Contestação. Nova fórmula de ensino*. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 3ª ed., 1974.
- SCRIVEN, M. *The methodology of evaluation em AERA monograph series on evaluation*. nº 1 Chicago, Rand McNally, 1967. p. 39-89.